

# A construção da metáfora na poética indígena: uma análise de Eva Potiguara e Natalie Diaz

Maria Clara Rodrigues Gonçalves (Pesquisadora); Pedro Mandagara Ribeiro (Orientador)  
Universidade de Brasília; Instituto de Letras

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho procura analisar os poemas de Eva Potiguara, poetisa potiguara, e Natalie Diaz, poetisa majove, por meio de analisar a construção de metáfora dentro das duas autorias. Aborda o conceito de metáfora de Paul Ricouer adentrando também na teoria ecocrítica para explicar os fenômenos de sentido tropológico dos poemas. Atinge em como ambas poetizam sobre suas vivências dentro de suas comunidades e do meio ambiente em que elas vivem, com uma análise ecocrítica da vida e da natureza que é amplamente explorada e citada nas suas poesias.

## POR QUE METÁFORA?

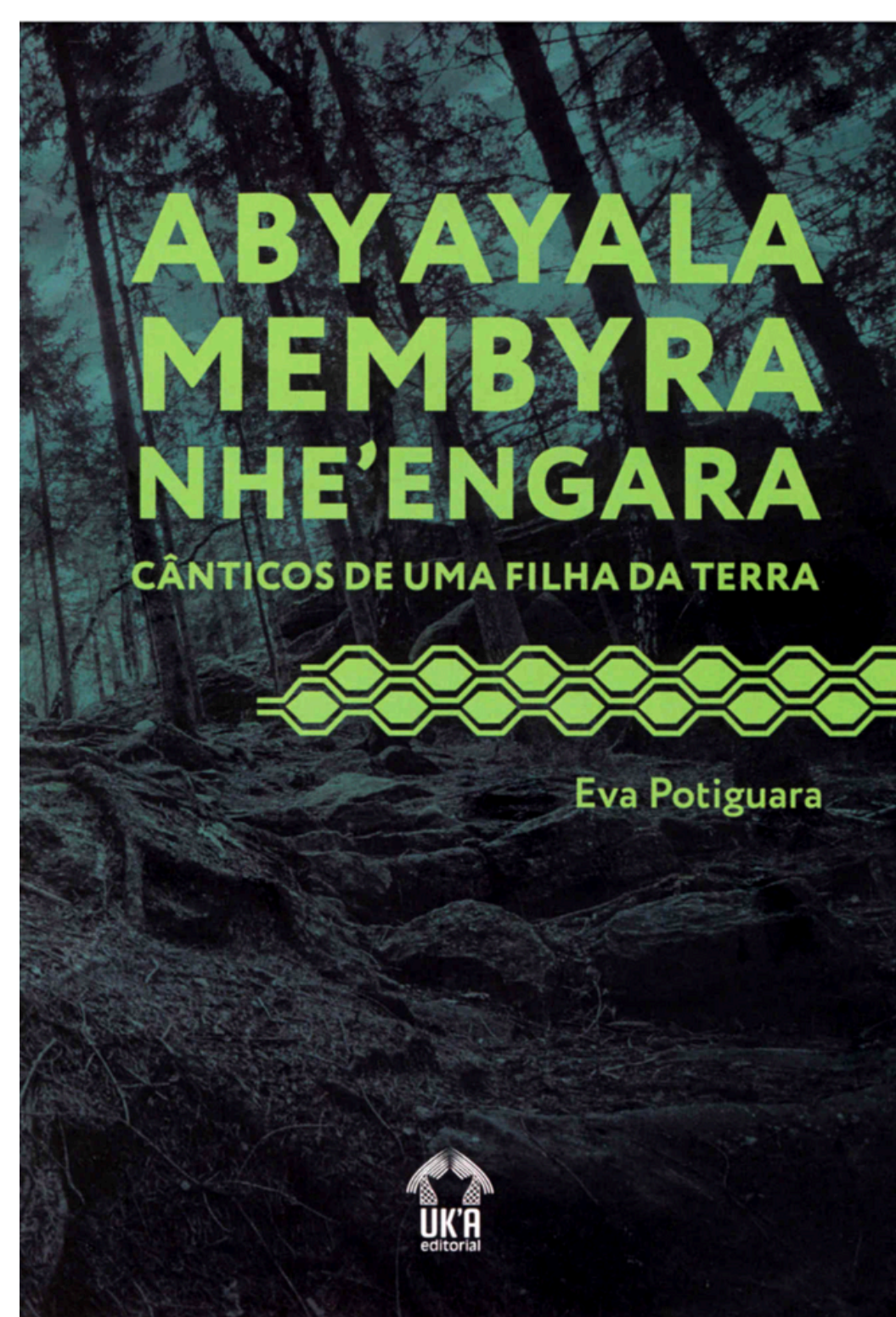
Quando Natalie Diaz escreveu o seu poema “A primeira água é o corpo”, a autora diz que **“O rio Colorado é o rio mais ameaçado dos Estados Unidos – e também é uma parte do meu corpo. Carrego um rio. É o que sou: ‘Aba Makav. Isso não é uma metáfora.”** (2022). Com esse trecho, conta-se sobre essas experiências de ser e não ser conceitos em que não parecem, linguisticamente falando, possíveis de serem. É viável de perceber que o que a Natalie descreve é sim metáfora, mas a da versão de Ricouer, que é esse fenômeno linguístico e psicológico, e não da visão estruturalista. É com essa indagação da poeta que é buscado nesse trabalho analisar como é construída essa noção de metáfora nos padrões de Ricouer e Candido, além de como esse tipo de elemento discursivo é aplicado em textos de autoras indígenas, uma dos Estados Unidos – Natalie Diaz – e a outra no Brasil – Eva Potiguara.

## FRAGMENTOS DE POEMA

### Retomada

“Estou voltando para casa...

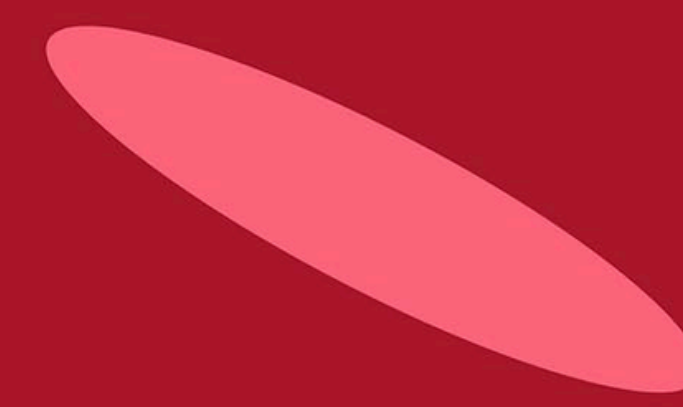
Às raízes que me afloram,  
Às trilhas que me arvoram,  
Aos escombros matriarcais,  
Aos retalhos dos ancestrais.”



### Eu, Minotaura

“Eu obedeço o que não compreendo, e então me torno isso, o que não precisa de nenhuma compreensão. O assombro dos limites de meu corpo - como é facilmente dividido por um campo negro, e o campo negro multiplicado em astros. O tropel de uma amante constelando.”

POEMA DE AMOR  
PÓS-COLONIAL



CÍRCULO  
DE POEMAS

Natalie Diaz

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura indígena percorre diferentes conceitos e cosmovisões e requer diferentes tipos de análise literária, principalmente ao analisar um fenômeno linguístico muito presente na poesia, que é a metáfora. A utilização da metáfora pensando como uma sentença-tropo faz sentido quando se é analisado textos que tratam da natureza de forma tão profunda como Eva Potiguara e Natalie Diaz fazem em seus poemas.

## REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. 2016.  
DIAZ, Natalie. *Poema de amor pós-colonial*. 2022.  
GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. 2006.  
JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 2008.  
KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 2022.  
POTIGUARA, Eva. *Abyayala Membyra Nhe'ngara: cânticos de uma filha da terra*. 2022.  
RICOUER, Paul. *A metáfora viva*. 2000.

Demais referências:



Realização



grupo de estudos em  
literatura brasileira  
contemporânea



Apoio

